

Quatro anos depois, o republicano Donald Trump é eleito para voltar ao comando dos EUA mais poderoso do que nunca, depois de superar um atentado e em meio a processos na Justiça. Kamala Harris telefona para o rival e promete uma "transição pacífica"

Retorno apoteótico

» RODRIGO CRAVEIRO

Donald Trump está de volta. Com o controle absoluto do Senado (e possivelmente da Câmara dos Representantes), uma Suprema Corte conservadora, e com 27 dos 50 governadores ao seu lado, o republicano retornará à Casa Branca em 20 de janeiro, quatro anos depois de se recusar a participar da transmissão de poder para Joe Biden. Até o fechamento desta edição, ele ganhava no voto popular: 72,1 milhões de votos contra 67,4 milhões para a vice-presidente democrata Kamala Harris. No Colégio Eleitoral, Trump tinha conquistado 291 dos 270 delegados necessários para a eleição, enquanto Kamala tinha 223.

Apenas outro presidente conseguiu a façanha de se reeleger para um segundo mandato, depois de perder as eleições: o democrata Grover Cleveland, que governou entre 1885 e 1889 e de 1893 a 1897. O último chefe do Executivo dos EUA a concentrar tanto poder foi o democrata Lyndon Johnson, que ocupou a Casa Branca de 1963 a 1969.

Durante o discurso de vitória, Trump assegurou que seu governo "será verdadeiramente a era de ouro da América". "Este é o maior movimento político de todos os tempos. (...) Fizemos história. Vamos ajudar nosso país a se curar", prometeu. A retórica direta ecoou na classe trabalhadora e no meio rural, desiludidos com Washington. Na caminhada de volta à Casa Branca, ele enfrentou um atentado à bala e indiciamentos na Justiça, relacionados a um suborno para esconder uma relação extraconjugal com a ex-atriz pornô Stormy Daniels; à incitação à invasão ao Capitólio, em 6 de janeiro de 2021; e à tentativa de anular o resultado das eleições de 2020.

No início da tarde, Kamala telefonou para Trump, reconheceu a derrota e prometeu trabalhar, ao lado do presidente Joe Biden, para garantir uma transição pacífica de poder em um país marcado pela polarização política. "Ela deixou claro que espera que Trump seja um presidente de todos os americanos", disse Jen O'Malley Dillon, chefe de campanha de Kamala, segundo a emissora de tevê NBC News. Steven Cheung, porta-voz do presidente republicano eleito, explicou que Trump e Kamala "concordaram com a importância de unir os Estados Unidos". Horas depois, a vice-presidente democrata instou os eleitores a aceitarem o resultado das urnas (**leia na página 12**).

Na mesma direção, Biden ligou para o presidente eleito e, além de parabenizá-lo, o convidou a "visitar" a Casa Branca. Hoje, o líder democrata, de 81 anos, fará um pronunciamento à nação para abordar as eleições e a transição. Em 2021, depois da derrota nas urnas, Trump deixou Washington de helicóptero e se ausentou da cerimônia de posse.

Líderes mundiais felicitaram Trump e expressaram o desejo de trabalharem com o novo governo. Uma das saudações mais efusivas partiu do premiê de Israel, Benjamin Netanyahu, ao declarar que Trump conseguiu "maior retorno da história". "O seu retorno histórico

Jim Watson/AFP



Donald Trump gesticula depois de fazer o discurso da vitória, no Centro de Convenções de West Palm Beach, na Flórida

"É manhã na América novamente"

X/Reprodução



Com esta frase, o executivo bilionário Elon Musk — dono de empresas como a SpaceX, a Tesla e X (antigo Twitter) — usou sua própria rede social para comemorar a vitória de Donald Trump. Ele publicou uma imagem em que aparece fazendo continência diante de uma bandeira dos Estados Unidos, no alto de um arranha-céu, em Nova York. O republicano garantiu que contará com Musk para realizar uma "auditoria completa" da administração federal e reformá-la drasticamente. O empresário aceitou a tarefa. Musk trabalhou de forma ativa na campanha e gastou mais de US\$ 110 milhões (ou R\$ 601,4 milhões) de sua fortuna pessoal para ajudar Trump a ser eleito. Ele também organizou uma série de eventos de campanha no disputado estado da Pensilvânia, onde o republicano venceu.

à Casa Branca fornece aos EUA um novo começo e um compromisso poderoso com esta grande aliança entre Israel e os EUA", disse. Os dois conversaram sobre a ameaça representada pelo Irã.

Na avaliação de Bruce E. Cain, professor de ciência política da Universidade de Stanford, o empoderamento

de Trump o levará a tomar medidas políticas. "Ele avançará no corte de impostos e de cargos públicos no governo, pressionará os europeus e a Ucrânia, e promoverá a detenção e a deportação de imigrantes ilegais", disse ao **Correio**. "Trump se sentirá justificado pelos resultados e mais livre para fazer o que

quiser. Mesmo assim, será mais difícil navegar dentro das fileiras republicanas em questões como aborto, tarifas e déficits orçamentários."

Insatisfação

Cientista político da Universidade Columbia, Donald P. Green crê que a explicação para a vitória de Trump está no sentimento geral de insatisfação com a economia e com a baixa popularidade de Biden. "Kamala acabou sobrecarregada pela fraca avaliação do eleitorado sobre Biden", afirmou à reportagem. "Foi difícil para ela alegar, com credibilidade, que defende novas políticas e ideias. A maioria dos analistas esperava que o eleitorado punisse Trump por seus delitos, mas isso não se materializou em perda significativa de apoio, talvez por refletir a profundidade da divisão partidária nos EUA."

James Green, historiador político da Universidade Brown (em Rhode Island), explicou que os americanos acreditam que o não branco está tomando o lugar do branco no país. "Há o medo de que, em alguns anos, os EUA serão formados por uma 'maioria de minorias'", explicou ao **Correio**. "Trump se mobilizou sobre a noção da masculinidade ameaçada pelo movimento feminista."

Professora de direito da Universidade de Michigan e ex-procuradora federal, Barbara McQuade afirmou ao **Correio** que Trump provavelmente se livrará de algumas acusações. "É provável que oriente o seu procurador-geral a rejeitar os casos federais contra ele. Também creio que os casos estaduais serão paralisados durante o tempo em que ele ocupar a presidência. Trump anunciou que perdoará os condenados pela invasão ao Capitólio, em 6 de janeiro de 2021."

Eu acho...



"A vitória de Trump é ruim para o Estado de direito. Penso que a prisão e uma sentença contra ele será altamente improvável. É possível que um dos dois casos em Cortes estaduais contra o republicano seja retomado apenas em janeiro de 2029, quando ele deixar a Casa Branca, e ele seja condenado e enviado à prisão. No entanto, os casos judiciais não se fortalecem com a idade. Justiça atrasada é justiça negada."

Barbara McQuade, professora de direito da Universidade de Michigan e ex-procuradora federal



"Trump será muito poderoso. Ele ganhou o Senado e deve obter a maioria da Câmara dos Representantes. Caso isso ocorra, ele receberá poder total para implementar seu Projeto 2025, marcado pela reestruturação do Estado e pela eliminação da regulamentação e de controle da saúde pública. Será um desastre. Trump desconstruirá o Estado. Os democratas e outros terão que organizar uma resistência como ocorreu no Brasil durante os quatro anos de governo de Jair Bolsonaro."

James Naylor Green, historiador político da Universidade Brown (em Rhode Island)



"Trump usará o segundo mandato para enriquecer sua família e a si mesmo. Também colocará fim às investigações, concederá autopiedade se achar necessário, perseguirá seus inimigos, empurrará sua agenda e, claro, jogará muito golfe."

Bruce E. Cain, professor de ciência política da Universidade de Stanford

ARTIGO

» POR CRISTINA SOREANU PECEQUILO



Do Pham/Stanford University

Trump versão 2.0

A vitória do ex-presidente republicano Donald Trump nas eleições dos EUA, assim como de seu partido na Câmara, no Senado e em diversos governos estaduais vem sendo definida de diversas maneiras: histórica, atípica, surpreendente, catastrófica e vários outros adjetivos que poderiam ser aqui longamente listados. Também prevalece um sentimento de indignação de parte da sociedade, associado ao passado e ao presente de Trump, ao medo do futuro e da desconstrução da democracia. De todos estes adjetivos e indignação, nascem as perguntas: por que tantos eleitores moderados e de minorias de gênero, raça, religião e etnia diversas votaram em Trump e nos republicanos, atribuindo-lhes um mandato

tão incondicional, que em muito excedeu suas bases mais radicais e polarizadas? A memória do eleitorado é tão curta que esqueceu os riscos de um governo Trump, dos processos de impeachment, dos crimes pelos quais foi condenado (e ainda pode ser) e de sua desconstrução da Constituição?

A resposta a todas as indagações reside no fato de que a maioria dos eleitores em 2024 votou em Trump, apesar destes problemas, como uma escolha de ignorar estas dinâmicas, crises e riscos, e não por causa deles, em apoio a suas ações ou atitudes. O resultado das urnas refletiu preocupações concretas do eleitorado, muitas delas associadas ao governo Biden e à sua vice Kamala Harris,

que, desde o ano passado, estavam muito claras em todas as pesquisas de opinião: crise econômica, inflação elevada da moradia, dos alimentos e da energia, preocupação com a segurança pública e o acesso à saúde, a epidemia de drogas (principalmente os opioides), o encolhimento do mercado de trabalho nos setores mais tradicionais da economia e a crise migratória nas fronteiras.

Diante destes fatos concretos, o Partido Republicano optou pelo caminho da reconstrução da coalizão democrata que a levou à vitória inúmeras vezes, e que foi lembrada pela última vez na eleição de 1992, com Bill Clinton: o operário tradicional e as comunidades rurais; o trabalhador braçal sem educação universitária; as pessoas comuns, que somente desejam um pedaço do sonho americano e sua anterior grandeza. Os temas — que haviam sido explorados por Trump em

suas vitórias, em 2016, e deixados um pouco de lado no radicalismo de 2020 — foram retomados em 2024, diante de uma gestão democrata de baixa popularidade (cerca de 40%) e de uma percepção de quase 70% de americanos de que o país "estava no caminho errado".

Por outro lado, os democratas mantiveram uma campanha mais abstrata, deixando de compreender a complexidade e multidimensionalidade de quem é, e o que busca, o cidadão norte-americano. Neste vácuo, prevaleceu o lado utilitarista e a busca de uma América forte, que, como disse Trump, entrará em uma nova era de ouro. Por mais contraditório que possa ser, Trump, em uma campanha radical, conseguiu o apoio daqueles cansados da polarização e que buscam resultados imediatos.

Dificilmente Trump cumprirá todas as suas promessas. Os problemas são

estruturais, e graves, para os EUA em um mundo em conflito e em uma sociedade em desencanto. Porém, Trump não se furtou a falar destes problemas e dar soluções (até mesmo mágicas) para todos eles, diferente de Harris. Assim como em 2016, Trump não é a causa do novo ciclo de direita e do conservadorismo que se inicia nos Estados Unidos (que tinha sinais prévios na Europa e na América Latina) ou do aumento da tolerância do eleitor com comportamentos antidemocráticos, mas, sim, um sintoma da necessidade de uma auto-crítica das forças progressistas para que ouçam mais o eleitor, sem julgá-lo, até pelo bem e a preservação dos direitos de todos e dos regimes democráticos.

Professora de relações internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e autora de A reconfiguração do poder global em tempos de crise